

ENTREVISTA EDGAR MORIN

“Os países latinos têm culturas vivas”

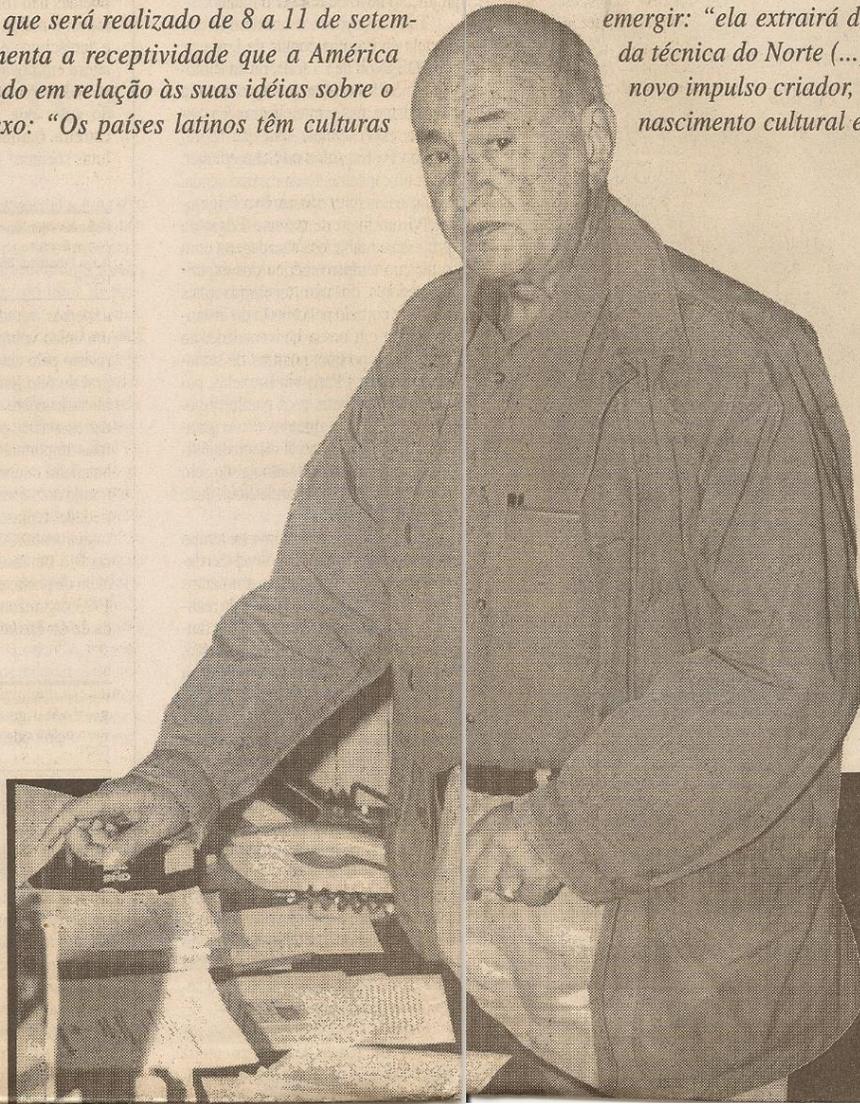
Num diálogo com Nelson Vallejo Gomez, secretário-geral da Associação para o Pensamento Complexo (APC), Edgar Morin fala sobre o 1º Congresso Inter-Latino para o Pensamento Complexo – que será realizado de 8 a 11 de setembro no Rio – e comenta a receptividade que a América Latina vem mostrando em relação às suas idéias sobre o pensamento complexo: “Os países latinos têm culturas

vivas em ebulição, que abrem um espaço de esperança para a velha Europa”. O pensador francês acredita que uma nova consciência latino-americana está para emergir: “ela extrairá da experiência do Sul, da técnica do Norte (...) os recursos para um novo impulso criador, uma mensagem de renascimento cultural e intelectual”.

Nelson Vallejo-Gomez – Edgar Morin, na qualidade de presidente da Associação para o Pensamento Complexo (APC), o senhor está organizando no Brasil o 1º Congresso Inter-Latino para o Pensamento Complexo (CILPEC). Qual a gênese desse Congresso e quais são seus objetivos?

Edgar Morin – Voltando bem atrás na minha memória, lembro que minha paixão pela América Latina nasceu em Paris, pouco depois da Segunda Guerra, quando assisti a apresentação do conjunto musical Los Guaranis. Esta música, de acordes pré-colombianos hispanizados, como *Carnavalito*, criou em mim um primeiro elemento mitológico de atração por esse continente e seus habitantes, onde o mundo indígena ocupava um lugar importante. Antes, eu já ficara muito emocionado ao ler as narrativas sobre a destruição das civilizações pré-colombianas pelos conquistadores. Outros elementos vieram em seguida, como a admiração pela civilização mestiça do Brasil. Este amor virtual pela América Latina se cristalizou, acho, no fim dos anos 50: participei como convidado de um festival de cinema em Mar del Plata; nos anos 60, fui professor convidado na Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais, criada pela UNESCO no Chile. Isso me permitiu experiências existenciais muito ricas no Brasil, Argentina, Bolívia, Equador, México. São estes portanto os elementos pessoais da minha atração pela América do Sul.

Tanto naquela época como agora, um estilo de pensamento que me parece essencial, que chamo de “pensamento complexo”, as problemáticas que ele comporta, eram e são melhor compreendidas pelos intelectuais latino-americanos do que pelos franceses. É como se os rigores intelectuais, as compartimentalizações, as hierarquias da velha Europa não existissem nesses países latinos, e como se, mais do que em outros países, houvesse entre os intelectuais e todas as pessoas dessas nações latino-americanas, uma vontade de compreensão dos problemas globais, uma preocupação com o destino do po-



Divulgação/Pascal Pradal

N.V.G. – Com que outros desafios se confronta hoje o pensamento complexo?

E.M. – Eles estão sempre ligados à forma separada que temos de conceber as coisas. Aqueles que concebem a Unidade não introduzem a diversidade no cerne da Unidade e aqueles que pensam a diversidade esquecem a Unidade da diversidade. Tomemos o caso do humano: existem aqueles que vêem a Unidade do Homem e consideram a diversidade das culturas, dos indivíduos como um fenômeno secundário, e há os que vêem a diversidade das culturas e dos espíritos, mas pensam que a Unidade do homem é uma abstração. Ora, é preciso pensar a unidade na multiplicidade. É uma necessidade do próprio espírito que já foi colocada por grandes pensadores como Heráclito, Leibniz... Quando pensamos os problemas do gênero humano, devemos pensar em salvar a um só tempo a Unidade humana e sua diversidade.

Em suma, trata-se sempre de associar um conjunto de noções que parecem opostas e antinômicas umas às outras; a cada vez que nos deparamos com uma alternativa mutiladora, o pensamento complexo deve desempenhar seu papel, que chamo de dialógica.

N.V.G. – O ensino ministrado hoje não permite mais que se compreendam as problemáticas na sua complexidade. Será que o pensamento complexo contribui com uma nova forma de pensar?

E. Morin – A injunção própria ao pensamento complexo é distinguir e ligar, enquanto que a injunção própria a todos os pensamentos simplificadores é reduzir e separar. O pensamento complexo é então um método que ajuda a evitar as cegueiras, os reducionismos, as concepções unilaterais, dogmáticas, e isso em todos os setores da vida. É um pensamento que apela à compreensão e combate os maniqueísmos. Se você pensa que um indivíduo é complexo, você não pode reduzi-lo a um de seus traços. Se você trata como criminoso alguém que uma vez na vida cometeu um crime, você reduz todos os aspectos da vida e da pessoa desse indivíduo a esse crime. A complexidade permite e estimula a compreensão humana.

blemas globais uma preocupação com o destino do povo. Não e por acaso que o populismo foi um dado importante do seu político.

Há dois anos, quando da preparação em Bogotá e Medellín dos primeiros congressos colombianos sobre o "pensamento complexo", tudo começa a se tornar realidade. Vi que diferentes pessoas, de horizontes e disciplinas diferentes, encontram-se em Medellín e constatam que, sem se conhecer, trabalham com as mesmas inquietações e são animadas pela mesma preocupação de reunir os saberes, de ter um pensamento concreto e vivo. Há hoje uma rede nacional espontânea sobre o pensamento complexo. De resto, no Brasil, particularmente no nordeste do país, em Natal, um extraordinário grupo de pesquisa sobre a complexidade, o GRECOM, foi criado há 10 anos. Na Argentina, acaba de ser fundado o primeiro Instituto Internacional para o Pensamento Complexo, na Universidade de Salvador, em Buenos Aires.

Portanto, eu descubro neste fim de século que meus livros estão sendo lidos por pessoas de origens muito diversas, que tenho um grande número de correspondentes nos países latinos e, em particular, na América do Sul. Assim, a idéia de conectar, de unir o máximo possível todos os que se interessam pelo "pensamento complexo" se impõe.

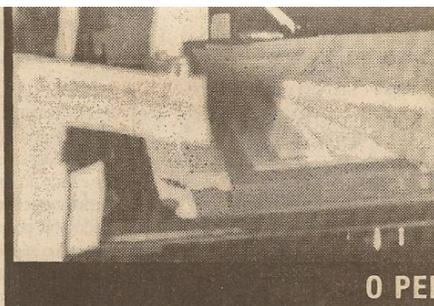
A oportunidade se apresentou no ano passado, por ocasião da minha participação em um Colóquio sobre a *Ética do Futuro* na Faculdade Cândido Mendes, organizado com a colaboração da UNESCO. Apresentei ao diretor geral da UNESCO o projeto de um Congresso Inter Latino para o Pensamento Complexo, sabendo que o professor Cândido Mendes estaria pronto a me apoiar e a acolhê-lo no Rio. Obtive, para o nosso Congresso, além do patrocínio da UNESCO, o apoio pessoal de Frederico Mayor, diretor geral daquela instituição. Fiz questão de que fosse um "Congresso" e não um "Colóquio", pois um Colóquio é uma reunião com uma pauta bem definida e muito concentrada, enquanto que o Congresso é, em princípio, um encontro aberto, ao qual pode assistir quem quiser, por simples curiosidade intelectual; um Congresso comporta temas diversos, contraditórios e complementares, o que é próprio do pensamento complexo, onde se encontram problemas epistemológicos, filosóficos, sociológicos, planetários, políticos, psicológicos.

Uma vez tomada a decisão de realizar o Congresso, restou a parte mais difícil, isto é, a organização, que foi feita pela Associação para o Pensamento Complexo (APC) Paris.

N.V.G. - Entre os diferentes objetivos do Congresso, o senhor espera multiplicar os intercâmbios e a solidariedade entre os que estão convencidos da necessidade de uma reforma do pensamento, e estimular todas as pesquisas envolvendo as problemáticas da complexidade. Em que consistiria essa reforma e o que o senhor entende por complexidade?

E.M. - Há enormes mal-entendidos sobre a palavra complexidade, pois ela é utilizada hoje em toda parte, na ciência, na psicologia, na política, na economia. A maneira corrente de empregar essa palavra traduz uma incapacidade de explicar, uma fraqueza do pensamento. De fato, a complexidade é em primeiro lugar uma palavra-pergunta e não uma palavra-resposta. É uma palavra-problema e não uma palavra-solução. Em suma: é um desafio. O pensamento complexo é uma resposta a este desafio. A palavra *complexus* - que significa tecer junto - indica precisamente que se trata de uma tarefa de te-
do mundo e dilacerado pela incompreensão, e não apenas entre etnias diferentes, mas também entre os casais, os pais, os filhos.

Nosso mundo a dilacerado pela incompreensão, et nao



O PENSADOR

O filósofo e sociólogo francês Edgar Morin nasceu em Paris, em 1921. De origem judaica, cursou História, Sociologia, Economia e Filosofia e foi ligado ao ativismo político. Integrante da Resistência durante a ocupação da França pelos nazistas, filiou-se em 1942 ao Partido Comunista, de onde foi expulso, em 1951, por discordâncias com o stalinismo. Morin tem 41 livros publicados nas áreas de política, sociologia, antropologia e história. Foi diretor adjunto do Centro de Estudos Transdisciplinares (Sociologia, Antropologia, Política) da Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais, em Paris.

conhecimentos? Porque somos educados de modo a separar os conhecimentos, compartimentá-los e, sobretudo, de um modo que enfraquece a capacidade humana de contextualizar, isto é, de integrar um saber no contexto e no conjunto global de que faz parte.

No primeiro sentido, o mais banal da palavra, complexo significa "confusão" para o espírito que procura uma explicação simples das coisas; num segundo sentido, como resposta ao desafio, essa palavra significa apreensão do que está junto, ou seja, do tecido em comum. A partir daí, um pensamento complexo empenha-se em reunir e integrar os modos de pensamentos simples em uma concepção mais rica. Trata-se então da "dialógica" do simples e do complexo, do separável e do não-separável, da ordem e da desordem. É a "dialógica" entre a lógica clássica e a transgressão da lógica quando aquela se impõe, melhor dizendo, entre a lógica clássica baseada na exclusão e a racionalidade aberta que integra e se enriquece com o excluído (contradição).

Compreender tudo isso exige uma nova aprendizagem, pois fomos formados em um sistema de ensino que privilegia a separação, a redução, a compartimentalização, o próprio corporativismo dos saberes, que fraciona e aliena nosso modo de pensar; em consequência, uma reforma do pensamento se impõe. Sua necessidade é vital, porque a degradação da aptidão para globalizar e para contextualizar os problemas, para estabelecer os elos em cadeia do local e do global, para compreender suas interações, é tão mais grave quanto os problemas fundamentais, que são globais e complexos. Tudo isso se encontra tecido junto. Os maiores desafios de vida e de morte são hoje planetários.

Somos ameaçados por dois tipos de pensamentos fechados. Um que se encerra numa concha nacionalista, religiosa, étnica, e nos aprisiona numa visão fragmentada do mundo e dilacerado pela incompreensão, e não apenas entre etnias diferentes, mas também entre os casais, os pais, os filhos.

Recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Perugia (Itália), da Universidade de Genebra (Suíça), da Universidade de Bruxelas (Bélgica) e da Universidade Odense (Dinamarca). O último livro do autor lançado no Brasil foi *Amor, poesia, sabedoria* (Bertrand Brasil, 72 páginas, R\$ 12). Pela mesma editora foram publicados recentemente *Ciência com consciência* e *Meus demônios*. Outra de suas obras, *As estrelas, mito e sedução no cinema* (162 páginas, R\$ 11,70), lançada em 1990 pela José Olympio, continua à venda nas livrarias.

resto, incapaz de um duplo olhar sobre a realidade, sendo em suma cego para o conjunto da realidade em sua complexidade. O outro é o pensamento tecnicista e tecnocrático que vê apenas as dimensões funcionais, quantitativas, econômicas das coisas, que exclui as dimensões e emoções humanas, e é incapaz de apreender os problemas fundamentais e globais.

Repito, a reforma do pensamento revela-se vital, pois estamos no reino dos pensamentos únicos, mutiladores e fragmentários, enquanto que os problemas são fundamentais e globais. Mas como reformar os espíritos, se não se reforma desde já o ensino e, em primeiro lugar, as instituições? Mais ainda: como reformar as instituições sem reformar os espíritos? Haveria aí uma espécie de círculo vicioso se não se soubesse que as grandes reformas começam sempre pela decisão de espíritos avançados de criar uma nova instituição, novas experiências nos diferentes estágios da educação primária, secundária, universitária. A Universidade, por exemplo, foi organizada sobre o modelo medieval até o século 18. A primeira universidade moderna, fundada nas disciplinas, foi criada em Berlim no início do século 19, em um estado periférico que era a Prússia; depois, esse modelo se expandiu. Hoje, é preciso inventar um novo modelo de educação, já que estamos numa época que oferece a oportunidade de disseminar um outro modo de pensamento. É por isso que, na escola primária, seria preciso começar por uma reforma do ensino que, partindo das questões fundamentais (quem somos nós? para onde vamos?) reunisse os conhecimentos provenientes de diferentes disciplinas. Ainda que as necessidades e as possibilidades de reforma sejam visíveis, nada se fará sem uma decisão forte que seria no início um desvio do sistema atual, qualquer coisa que não é ortodoxa e que, no começo, é minoritária.

do mundo e dilacerado pela incompreensão, e não apenas entre etnias diferentes, mas também entre os casais, os pais, os filhos.

A incompreensão se revela tanto mais hoje quanto os códigos religiosos, morais, sociais estão enfraquecidos, e os indivíduos são obrigados a apelar para a própria reflexão e intersubjetividade para encontrar os elos que os transcendem. Ora, estamos habituados a viver na incompreensão do outro. Por quê? Porque nos habituamos a conhecer o outro pela auto-justificação e por reduzir o outro aos traços que julgamos negativos, uma vez que estamos em más relações com ele.

Instaurar a compreensão é uma tarefa fundamental para um novo humanismo.

O pensamento complexo diz para se compreender o outro. Ele não reduz jamais o outro a uma única característica. O trabalho de compreensão é um esforço ético que cabe a cada um realizar.

N.V.G. - Quais as bases do pensamento complexo do ponto de vista epistemológico?

E.M. - São de várias ordens. O pensamento complexo é estimulado pela crise do determinismo, do reducionismo, do materialismo, da causalidade linear nas ciências. Para superar essas crises, somos levados a reunir noções por vezes opostas, como no caso da onda e do corpúsculo na física quântica. De fato, a crise do cientificismo é reveladora de uma crise do saber. Qual é o saber pertinente? Por exemplo, tome a oposição entre dogma e teoria. Digo que uma teoria pode se esclerosar, se fechar e tornar-se um dogma, ou pode ser aberta e aceitar o princípio de sua própria "logodegradação". Esta idéia me ocorreu ao ler Popper, que define as teorias científicas como teorias que aceitam em suma o princípio de sua mortalidade se são combatidas, não comportando em si, portanto, uma verdade definitiva. A diferença entre Popper e eu é que transporto a oposição entre dogma e teoria para todos os campos, e não apenas como o que opõe o científico ao não científico.

Há fontes do pensamento complexo na literatura. Os grandes escritores que descrevem um universo em seu conjunto, ao mesmo tempo em que descrevem os indivíduos em suas paixões, são complexos; descrevendo-os em um meio social, político, histórico, como Dostoiévski, Tolstói, Balzac, Proust, Faulker, García Márquez...

O elo que penso ser essencial para alimentar o pensamento complexo está na relação entre o cognitivo e a ética. "Trabalhar para pensar bem, eis a fonte da moral", dizia Pascal. O que ele quer dizer com isso? Que a moral se encontra no conhecimento? Claro que não! Existe um abismo entre o ato cognitivo e o ato ético. Pascal quer dizer que se a ética não for acompanhada por um trabalho de bem pensar, ela se perde. Tome, por exemplo, o imperativo kantiano da moral. O importante aqui é a intenção e não as dificuldades do ato. Ora, a ecologia da ação nos mostra que um ato de intenção moral nobre pode ser pervertido nas condições sociais, políticas e/ou econômicas onde ocorre. Todo o problema das incertezas éticas se revela aqui; não se está nunca seguro de que a boa intenção seja suficiente para o sucesso ou que a má intenção acabará em fracasso. Toma-se consciência, em consequência, de que a questão ética é freqüentemente a opção entre deveres opostos e que necessitam de uma reflexão complexa e uma decisão plural. A questão ética não é nunca a opção isolada entre nossas intenções e nossas decisões, entre si e si mesmo, em resumo. Ela precisa de um pensamento da solidariedade. É, pois, naturalmente que se encontra aqui o pensamento complexo.